

O QUE FICOU NA MEMÓRIA COLETIVA DA GUERRILHA DO ARAGUAIA: OLHAR SEMIÓTICO SOBRE A LENDA URBANA DA PASSAGEM DE CHE GUEVARA POR IMPERATRIZ/MA | CHE VIVE NA MEMÓRIA COLETIVA

KAYLA PACHÊCO*

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT), Araguaína, TO, Brasil.

Recebido em: 20 set. 2025. Aceito em: 15 out. 2025.

Como citar este artigo: PACHECO, K. O que ficou na memória coletiva da Guerrilha do Araguaia: olhar semiótico sobre a lenda urbana da passagem de Che Guevara por Imperatriz/MA | Che vive na memória coletiva. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 3, p. 59-78, set./dez. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n3p59-78

Resumo

Este artigo analisa o papel da memória coletiva (Halbwachs, 2006) na preservação e na ressignificação da Guerrilha do Araguaia, tomando como ponto central a lenda urbana que associa a figura de Che Guevara à cidade de Imperatriz/MA. A partir de um olhar semiótico, investigamos como essa narrativa popular se consolida em torno de um episódio histórico marcado pela resistência e pela violência do regime militar brasileiro na Região Tocantina. Nossa intenção aqui é discutir as estratégias discursivas mobilizadas para conferir o efeito de verdade

* E-mail: kayla.nunes@ufnt.edu.br
 <https://orcid.org/0000-0002-8403-0586>

ao que se conta na enunciação sobre a passagem de Che Guevara por Imperatriz, entrelaçando história e ficção.

Palavras-chave

Memória coletiva. Che Guevara. Enunciação.

ANTES DA NARRATIVA, O CONTEXTO

Ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo (Halbwachs, 2006, p. 86).

O ano era 2020. Estávamos sobrevivendo aos primeiros 60 dias de pandemia de covid-19. Para manter o distanciamento social sem prejuízo no ensino, muitos cursos passaram a funcionar com aulas em chamadas de vídeo, mediadas pelas plataformas digitais. Assim, dada a oportunidade, cursei a disciplina de Literatura do Testemunho como ouvinte no programa de pós-graduação da UFNT, ministrada pelos professores doutores Luiza Helena Oliveira Silva e Cesar Alessandro Sagrilo Figueiredo. Dias após uma das aulas em que a Guerrilha do Araguaia foi o tema central, indaguei um dos meus conhecidos da cidade, imperatrizense como eu, sobre o que ele já tinha ouvido desse evento. Ele, que nascera cinco anos depois de eclodido o confronto, não comentou sobre as operações militares na cidade, tampouco sobre os políticos cassados e presos. Foi direto ao ponto: Che Guevara esteve aqui.

No imaginário imperatrizense há uma história viva que se eterniza na escrita, nas rodas de conversas e, até mesmo, nas salas de aula. Entre tantas narrativas que perduram sobre a resistência aos anos de Ditadura Militar e à repressão sofrida pela população da Região Tocantina, a visita de um dos líderes da revolução cubana à terra do Frei¹ permanece viva na memória da comunidade local. Na função de conselheiro da resistência, Che Guevara, o visitante misterioso, teria pernoitado em Imperatriz em meados dos anos 1960, pouco antes de seu assassinato. Há dentro de cada morador a presença dele e um certo prazer, um orgulho de saber que a cidade está inserida na história.

¹ Apelido dado ao município de Imperatriz em homenagem a seu fundador, Frei Manoel Procópio.

E mesmo que se prove o contrário, o povo imperatrizense ainda prefere acreditar naqueles que viram e sentiram Che.

A visita, segundo ecoa em diferentes versões, não era exclusiva, uma vez que a localização geográfica posicionou a cidade na rota que desviaria os olhares durante sua passagem pela América do Sul. O pouso às margens do rio Tocantins teria servido de contribuição na análise estratégica do cenário que se desenhava para o combate às forças de opressão estatal. Sentado em uma rede, com feições físicas desfavoráveis a um combatente, o herói da resistência latino-americana teria alertado a uma meia dúzia de jovens insubmissos sobre a inviabilidade da luta armada na região que, pelo que se conta, ele considerou como “de dimensões continentais”.

“*Tem testemunha viva*”, e todo o resto é intriga da oposição. O relato de um dos jovens², que estivera presente nesse encontro e que fornece matéria-prima a uma das principais lendas urbanas da região, foi a nós concedido durante entrevista que trata da participação da cidade de Imperatriz, Maranhão, no apoio logístico da Guerrilha do Araguaia³.

Na tentativa de refletir sobre os sentidos que concorrem para a construção da memória de uma região forjada em contextos de violência, partimos do que se concebe como memória coletiva em Halbwachs (2006)⁴ e nos deparamos com esse entrelaçar de história e ficção. A partir do relato de uma testemunha que narra esse episódio sob a ótica de personagem, chegamos a registros bibliográficos que também constroem o efeito de veracidade do inusitado. Nossa intenção, dessa forma, é discutir as estratégias discursivas mobilizadas para conferir o efeito de verdade ao que se conta na enunciação sobre a passagem de Che Guevara por Imperatriz.

2 Anistiado em 2011, Carlos Lima de Almeida foi um dos vereadores de Imperatriz cassados, presos e torturados por ter sido acusado de colaborar com os guerrilheiros do Araguaia.

3 Ocorrido há mais de 50 anos, é considerado o confronto mais cruel da história recente do Brasil, praticado pelo Estado contra civis. Segundo registros da imprensa, o primeiro confronto da guerrilha rural que marcou a participação da Região Tocantina, em especial da cidade de Imperatriz, nos confrontos que se sucederam durante a Ditadura Militar, iniciou-se em 12 de abril de 1972. (Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-187/6934-45-anos-da-gloriosa-guerrilha-do-araguaia>. Acesso em: 2 abr. 2022).

4 Discussão sociológica que defende a memória coletiva como testemunho das marcas subjetivas do vivido por um determinado grupo social em determinados tempo e espaço; portanto, mais ampla e complexa que os registros da história: “A história não é todo o passado e, também, não é tudo o que resta do passado. Ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo” (Halbwachs, 2006, p. 86).

Com o instrumental da semiótica discursiva, teoria da significação que se dedica “à construção conceitual das condições de apreensão e produção do sentido” (Greimas; Courtés, 2018, p. 455) e a partir da relação de oposição semântica *ser versus* *parecer/realidade versus* *ficção*, tentaremos dar conta das estratégias discursivas empregadas para construir o sentido de verdade dessa narrativa que ecoa na memória do lugar e de sua gente em forma de lenda urbana. Para tanto, mobilizamos os estudos da enunciação como instância de mediação⁵, projeção de um dizer a partir de escolhas linguísticas que conferem determinado efeito de sentido.

Nesse movimento entre o registro da história e o fazer da memória, de antemão, o que fazemos são apontamentos sobre o que é enunciado num exercício de seleção, de esforço de um sujeito que guarda, no arcabouço do tempo, o que ficou de experiências sensíveis (por vezes traumáticas/gloriosas). Como dito por Luiza Silva (2022, p. 54), “[...] a memória é reconstituída aos poucos, por partes, que podem articular-se numa sequência narrativa maior”.

Partindo do relato pessoal de um dos colaboradores da Guerrilha, fazemos um passeio pelo imaginário popular na tentativa de construir uma crônica sobre esse recorte de um evento histórico tão caro à memória da Região Tocantina. No contraponto, observando relatos historiográficos, evidenciamos, em seguida, as marcas que buscam conferir efeito de realidade pela forma de dizer mobilizada na enunciação.

“NÃO SOU EU QUEM DIZ, QUEM DIZ É A HISTÓRIA, CHE ESTEVE AQUI!”, UMA CRÔNICA

Era mais um dia de mormaço quente daqueles que cozinham até o juízo de quem convive com o período de estiagem do meio-norte. Silenciosas, as ruas trêmulas pelo vapor que subia do solo de chão batido levavam, em tom de segredo pelas folhas secas carregadas na aragem, muitas informações ao pé do ouvido de figuras emblemáticas que davam à cidade o título de Princesa Rebelde.

⁵ Sobre enunciação, o *Dicionário de Semiótica de Greimas e Courtés* (2018, p. 166) considera como “uma instância linguística logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas). [...] uma instância que possibilita a passagem entre a competência e a *performance* (linguísticas); entre estruturas semióticas virtuais, de cuja atualização ela deve encarregar-se, e as estruturas realizadas sob a forma de discurso”.

Tínhamos encontro marcado com um visitante “à boca da noite, na pensão de Dona Dolores, sem falta”, sussurrou em meu ouvido o mensageiro, um molecote montado em uma Monark circular já sem garupa, que me exigiu pagamento pelo recado para comprar um geladinho e amenizar o calor.

No clima de tensão e sempre à espreita do inesperado, a conduta não podia ser outra: sondar o terreno antes de aceitar o convite. Após conferir se estava tudo em ordem no pequeno bosque que servia de depósito para mantimentos alimentícios e bélicos de meus hóspedes transeuntes, uma passada pelo cais do porto e na farmácia de seu Cunha. Na prosa desinteressada, a confirmação de que Dona Dolores hospedara um trio de viajantes vindos lá de cima e que ficariam apenas uma noite por aqui, tempo necessário para que um deles fosse medicado contra a malária.

“Não entendi direito o que disse, mas a cara dele toda amarela não negava. Levei direto ao quarto dos fundos e apliquei umas injeções. As pílulas, reforcei que deveriam servir para complementar o tratamento por 30 dias”, disse seu Cunha, contente por ter ganhado seis cervejas do cliente forasteiro como agradecimento pelo atendimento prestado após o expediente e pela boa prosa.

Com a penumbra da noite, fomos nos aproximando da rua principal, cada um por um caminho, optando sempre pelas sombras das mangueiras para não chamar a atenção dos moradores reunidos nas calçadas. Adentrando o casarão, ao fundo do corredor comprido, um moço sentado numa rede rodeado por rostos ora familiares, ora desconhecidos. Falavam do cenário político local e nacional enquanto ele observava um a um os militantes recrutados para o encontro.

Feita a análise da expressão corporal de cada sujeito ali presente, pronunciou algumas palavras. A princípio, era difícil a compreensão, mas pela interlocução com outros dois sujeitos mais letrados que nós, vindos das bandas de Porto Franco, íamos compreendendo que o tema da discussão era a viabilidade de deflagrar a luta armada com apoio dos campesinos aqui no Norte e avançar para o Sul. “Ele tava muito doente por sinal, pálido, magro, entendeu? E discordando. Ele tava passando por aqui e sempre discordando dessa guerrilha”.

Lembro-me que alertava aos companheiros “que era uma região continental e não dava pra fazer a guerrilha rural. Muito difícil, não tinha estrutura pra isso”. Mas pelo ímpeto do grupo, composto por jovens inebriados pelo ideal de liberdade, seus conselhos não foram ouvidos – “foi decidido pelo grupo que já estava na linha de frente”.

“A resistência começou mesmo antes dos ataques, com os preparativos. Dois anos antes daquele encontro, quando perdi o mandato de vereador e com a fuga do prefeito pela janela dos fundos do Paço Municipal. Depois de solto, eu não tinha mais o que perder, só me restava lutar. Contribuir com aquele grupo destemido que largou tudo na cidade grande para se dedicar ao nosso povo tão sofrido aqui nos confins do país me traria a oportunidade de reaver minha honra, perdida nas sessões de tortura na frente de minha esposa e meus filhos.

Por recados trazidos sempre por meios e vozes diferentes, eu recebia as orientações de como servir à causa maior da luta pela democracia. Escondia armas, dava hospedagem e arrumava transporte terrestre e aquático, motorizados ou não, pros militantes que chegavam aqui, vindos de todo canto, em direção à Serra das Andorinhas. Eu não perguntava nome, local de origem nem o paradeiro, se apresentassem o código de recepção, acolhia os companheiros, guardava o que precisavam, enterrava em sacos nos fundos da minha chácara na beira do riacho Cacau e, transcorrido o tempo necessário, entregava a quem as requisitava.”

Foi por isso que recebi aquele recado naquela tarde. Quando ele passou por aqui, o pessoal já tinha uns dois anos quase, trabalhando aí. Não tinha como voltar atrás só com base no conselho de um cara sem identidade revelada. Embora eu tenha ido com a cara e com a opinião daquele visitante misterioso de que seria uma missão suicida, meu dever era colaborar.

Fui pra casa encabulado com as palavras daquele cara, “uma região continental, muito difícil”. Quem seria aquele tipo emagrecido pela dureza de uma vida clandestina com tamanha inteligência e sensatez? A dúvida me perseguiria por dias e noites a fio, afinal cumprimentos e apresentações eram proibidos em encontros daquela natureza. Pedir informações seria confissão de culpa contra as forças de controle estatal. Por vezes me peguei sonhando, até em pesadelos, com aquela voz de um rosto sem barba ecoando em meu subconsciente. Era como um sinal, um prenúncio, um alerta. “Vai dar errado!”.

Pouco tempo depois, a foto estampada no jornal vindo da capital me traria a resposta. Já com barba crescida, o mesmo rosto era exibido como troféu. Ernesto Guevara, o Che, fora assassinado como criminoso. A surpresa pelo rosto familiar e a revolta pela crueldade de seu aniquilamento misturaram-se à sensação de realização em ter tido a oportunidade de ouvir, cara a cara, aquelas palavras que ecoavam a experiência de um militante nato, um guerreiro,

que, a partir dali, transformava-se em herói, vestindo-se com a aura mística que o acompanhava.

Orgulho que não podia ser estampado nem com um leve sorriso de canto. Naquele momento minha vontade era gritar bem alto, na praça da igreja matriz “eu estive de noite com ele”. Mas quem acreditaria? Talvez os guardas da vigilância me dessem voz de prisão só pelo prazer de rirem após socos e pontapés que me fariam repetir o ocorrido. Esse grito ficou engasgado por anos a fio, mas as prisões e torturas viriam por outros motivos que eu precisava esconder e negar, mesmo sob a iminente ameaça de morte.

Como eu não era o único na penumbra daquela pensão, a história foi sendo contada ao pé do ouvido, em becos e esquinas, como assunto proibido e identidades não reveladas. Baixinho, igual fogo de monturo, permanecia como a brasa, discreta, mas sempre viva, naquele movimento de asserção-negação, “me disseram, mas ninguém viu”. “Olha, eu não gosto de falar do Guevara porque as pessoas dizem que não é verdade. Mas não sou eu quem diz, quem diz é a história.” Tão impressionante como a trajetória de nosso herói viajante é o efeito de sua passagem pelo portal da Amazônia oriental. Ao contrário de muitas outras narrativas orais, o transcurso do tempo não apagou as chamas e marcas daquela visita. À medida que os anos avançavam em direção à reabertura democrática, as conversas de alpendre sobre aquele fato extraordinário iam se reavivando e se espalhando como as labaredas que o vento carrega em tempos de queimadas.

“Aí dizem que não porque não existe isso nos anais dele. Mas ninguém desmente que ele não esteve. Não temos registro porque todo mundo fazia questão de esconder as coisas. A repressão era muito pesada demais. Os poucos documentos que eu tinha, se chegava uma batida, levava tudo.”

Se não fosse verdade nem tivesse nenhuma importância, esse episódio teria sido enterrado no campo do esquecimento. Mas quando as pessoas puderam falar sem serem presas, ainda com medo, abriram o jogo, e eu pude dizer de peito aberto: “Che esteve aqui! Ele estava doente mas andou na região – e bebeu da água do Tocantins”.

Muitos anos depois, o pessoal do curso de história trouxe uns palestrantes pra cá e me chamaram pra ir lá participar, e os palestrantes todos concordaram comigo que ele passou por aqui. Além da universidade, a imprensa e a cidade reconhecem a veracidade. Afinal, Imperatriz sempre se opôs à repressão mesmo antes do Golpe. Muito mais valioso que o registro documental é o registro da memória e da vida.

“Fiz um documentário lá na casa antes de ser derrubada, fui lá em cima com o Antonio Filho (repórter da cidade), e mostrei o lugar onde ele ficou. Ele não tava deitado na rede. Tava sentado. Se tem foto eu não tive acesso. A gente escondia tudo, não registrava.”

Em minha biografia, um dia terei uma, essa visita do Che terá capítulo especial, porque assim foi essa experiência na minha vida, na minha formação de homem, militante e cidadão. Tive a sorte e a honra de conhecer o herói da resistência.

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E O EFEITO DE VERDADE NA ENUNCIAÇÃO

Em meio à narrativa da dor de ser vítima da repressão, partimos do relato que mostra esse traço de leveza e orgulho demonstrados por nosso narrador ao defender a veracidade do que é contado e o que ainda se faz presente na memória da contribuição com a Guerrilha do Araguaia, contra a Ditadura. Excertos do depoimento que inspira a crônica acima são analisados a seguir.

Avançando na análise das marcas discursivas que inscrevem um “eu” como testemunha para conferir o efeito de verdade, chegamos à breve abordagem em obras bibliográficas que tratam da Guerrilha, agora como a menção de um “outrem”, do que se ouviu falar. É sobre esse contraponto entre diferentes enunciações sobre o mesmo fato que tratamos a seguir.

EU AQUI, A TESTEMUNHA OCULAR E FIADOR DA VERDADE

Ao tratar da enunciação, Fiorin (2016, p. 18) ressalta a instabilidade da história que é contada por sujeitos que se inscrevem num determinado tempo e espaço, “a enunciação cria novos modos de dizer [...] reinventa o universo de sentidos”. Realidade ou ficção? Comecemos nosso exercício de análise por excertos do depoimento de nosso narrador-personagem.

Logo em suas primeiras palavras, “não sou eu quem diz, quem diz é a história”, o enunciador adverte o enunciatário quanto à validade do que se conta sobre a visita de Che. Para estabelecer o acordo fiduciário e o efeito veridictório já na introdução do que enuncia, busca amparo no valor eufórico que

os registros históricos conferem ao fazer da memória, para que seu relato seja “considerado do ponto de vista da verdade e da realidade” (Fiorin, 2016, p. 30). Ao estabelecer a subjetividade pela negação da condição de autoria, esse sujeito que diz “eu” recorre ao prestígio da história como evidência e, “com esse discurso, o enunciador diz sem ter dito” (Fiorin, 2016, p. 34).

Em “eu estive de noite com ele”, inscreve-se como um “eu” demarcado explicitamente pela debreagem actancial e temporal enunciativas⁶; enquanto “eu” que se projeta em primeira pessoa, assume sua posição discursiva perante o fato situado no “então”; que se refere a um “ele” e “impõe um ponto de vista sobre os acontecimentos narrados” (Fiorin, 2016, p. 35) como testemunha do supostamente ocorrido. Com a afirmação de quem viu, retoma uma ação já distante, mobilizando na debreagem temporal o esforço da memória, demarcada pelo tempo pretérito. “Assim, espaço e tempo estão na dependência do *eu*, que neles se enuncia. [...] porque a enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais, ela é o lugar do *ego*, *hic et nunc*” (Fiorin, 2016, p. 36).

Sobre as estratégias do parecer verdadeiro, a partir dos postulados por Greimas (2014, p. 123), Barros *et al.* (2025, p. 16) nomeiam a projeção do “eu” no enunciado como uma camuflagem subjetivante, na qual

o sujeito da enunciação faz questão de mostrar sua presença e seu papel apresentando-se como um ‘eu fiador da verdade’. Ao ser incorporado ao discurso, o enunciador assume também o papel de narrador, a quem cabe convencer os seus destinatários da veracidade de seu discurso em primeira pessoa. [...] Os efeitos gerados por essa operação são dois: um efeito de subjetividade e um efeito de proximidade, que visa construir um contato direto entre enunciador e enunciatário.

Essa confiabilidade requerida pelo enunciador também é observada ao mencionar que, “muitos anos depois, o pessoal do curso de história trouxe uns palestrantes pra cá e me chamaram pra ir lá participar, e os palestrantes todos concordaram comigo que ele passou por aqui”. Sabendo que, “ao narrador compete a localização no espaço linguístico propriamente dito” (Fiorin, 2016, p. 260), observa-se na demarcação espacial mobilizada pelos advérbios “cá” e “lá” um momento que oscila da aproximação ao distanciamento. Em um

⁶ Sobre as estratégias enunciativas, Fiorin (2016) trata das categorias de pessoa, espaço e tempo na construção dos processos de ancoragem do discurso.

tempo do “então”, ao convocar um “ele”, situa-se em um espaço marcado no “lá” distante, mas que confere ao “cá” proximidade ao se inscrever neste lugar próximo do enunciatário. Operando a debreagem espacial enunciativa, usa o seu espaço para demarcar, no “lá”, o distanciamento do fato ao momento que é narrado; e, no “cá”, a presentificação desse lugar. “Cá marca o espaço da enunciação e lá, o espaço fora do lugar da cena enunciativa” (Fiorin, 2016, p. 241, grifos do autor).

Importante frisar que além de ser testemunha ocular, ter a pesquisa acadêmica interessada pelo tema e concordando com sua versão dos fatos também confere o sentido que atesta a veracidade de sua narrativa.

Seguindo o relato, ao apontar local e nomes dos envolvidos nesse episódio, o enunciador busca reforçar esse grau de verdade numa memória que, embora seja organizada pela enunciação subjetiva, não é individual e tem outras testemunhas, devendo ser compreendida como coletiva. “Fomos nos encontrar à noite, lá na pensão da Dolores ali na XV de Novembro. Eu fui, fui eu daqui, foi o Valmir Gomes, e o Remi Ribeiro disse que estava também”, relatou em entrevista o senhor Carlos Lima de Almeida, vereador de Imperatriz cassado pelo Golpe Militar, nosso entrevistado sobre esse episódio da memória local. Conforme Fiorin (2016, p. 261, grifo do autor), “o espaço da narração é sempre um *aqui*, projetado ou não no enunciado”, a partir do uso da primeira pessoa, agora do plural “nós” – também pela debreagem actancial e espacial enunciativas, de um tempo enuncivo –, amplia a dimensão do efeito de verdade com a indicação de que não é apenas a sua palavra, mas a de outros sujeitos que podem atestar o ocorrido. A referencialização, situando nesse espaço tópico da pensão localizada precisamente à Rua XV de Novembro, reforça o efeito de verdade do que é narrado e defendido, haja vista que especifica esse espaço linguístico do “lá”.

Além dos envolvidos no encontro, outros nomes que não presenciaram o fato, mas mantiveram contato com o visitante são mencionados nesse esforço de construção da confiabilidade de sua narrativa: “como o Lima da Sucam, o Fernando Cunha, tinha mais gente”. Pela imprecisão do quantitativo, nesse fazer da memória, ao elencar outros sujeitos nominalmente, o advérbio “mais” tenta garantir que o fato, presenciado por muitas pessoas, deve ser compreendido como verdade/realidade, afinal, são sujeitos que integram a comunidade local, os quais viveram no mesmo período histórico do fato enunciado, e são consideradas testemunhas vivas.

Pela ausência de evidências formais, a dúvida sobre a veracidade do relato é justificada: “Eu estive de noite com ele”, “aí dizem que não porque não existe isso nos anais dele”. Seguida pela conjunção adversativa “mas”, projeta de forma dialética um certo desafio ao afirmar que “ninguém desmente que ele não esteve”. O que é acrescido pelo argumento da condição de clandestinidade a que os subversivos tiveram de submeter-se para continuar em ação e vivos:

Se tem foto eu não tive acesso. A gente escondia tudo, não registrava. Não temos registro porque todo mundo fazia questão de esconder as coisas. A repressão era muito pesada demais. Os poucos documentos que eu tinha, se chegava uma batida, levava tudo.

Ainda, observa-se o emprego constante do pretérito imperfeito, como sinalizando uma atividade continuada, mas que foi interrompida, ficando para trás.

A tentativa de reconstituição do episódio com a imprensa local anos depois também respalda a narrativa pelo detalhamento da cena que pode ser considerada o emblema desse encontro: “Fiz um documentário lá na casa antes de ser derrubada, fui lá em cima com o Antonio Filho (repórter da cidade), e mostrei o lugar onde ele ficou. Ele não tava deitado na rede. Tava sentado. Ele tava muito doente por sinal, pálido, magro, entendeu?”. Mais uma vez o “lá” aparece como traço desse esforço em narrar com precisão de detalhes um fato distante no tempo e espaço. Advérbios que, conforme explica Fiorin (2016, p. 241), agora operam com debreagem enuncia e, “em função anafórica, retomam um espaço inscrito no enunciado”. A tentativa de conferir efeito de verdade na sistematização desse espaço também pode ser percebida na posição manifestada em “lá em cima”, delineando com precisão a visão desse enunciador – o que Fiorin (2016, p. 247) considera como visão de orientação vertical: “indicam posição superativa de um objeto em relação a um ponto de referência”.

Considerando a premissa de que narrar é sempre ficcionalizar, mesmo que tenha compromisso com a verdade e se esforce na descrição da imagem que ecoa nessa memória coletiva, o enunciador projeta um narrador-personagem que se coloca na linha de frente da enunciação. Dando sua palavra de honra, mobiliza uma espécie de juramento testemunhal para reforçar o contrato veridictório estabelecido com seu enunciatário desde a primeira afirmação. Na busca pela persuasão e na ausência de provas formais do fato, é na repetição do “eu” e na descrição das feições de seu ilustre visitante que, sentado e não

deitado, o enunciador o figurativiza como doente/pálido/magro, tentando compor uma espécie de desenho do momento e buscando, a todo custo, o efeito de realidade em um testemunho que se sustenta na afirmativa “sei porque vi”, de uma narrativa que mais parece ficção.

O NÃO EU, O QUE HISTORIADORES CONTAM

Além do depoimento de um sujeito que desempenha a função de narrador-personagem/testemunha do que consideramos como uma das mais tradicionais lendas urbanas locais, algumas produções historiográficas também destacam o fato que nutre a memória coletiva sobre os anos de repressão na segunda maior cidade do Maranhão. Em seus relatos sobre a resistência à opressão militar durante a Ditadura, vivenciada nesse recorte geográfico que abriga o conflito conhecido como Guerrilha do Araguaia, pesquisadores mencionam o fato mediante outro ponto de vista enunciativo. Também baseados em depoimentos de quem afirma ter participado do referido encontro, tais enunciadores optam pelo distanciamento do fato enunciado, como veremos adiante.

Nesta seção, trataremos sobre as formas do dizer, registrado nessas produções acadêmicas. Para tanto, recordamos dos textos de João Paulo Maciel, *Guerrilha no Araguaia-Tocantins* (2014), e de Adalberto Franklin em parceria com Valdizar Lima, *Repressão e resistência em Imperatriz* (2016), passagens que reforçam esse ponto de vista enunciativo a favor da narrativa em tela, mas como a construção do efeito de imparcialidade pela camuflagem objetivante (Barros *et al.*, 2025, p. 15).

Obedecendo à ordem cronológica dos escritos, começemos por *Guerrilha no Araguaia-Tocantins*. Publicado em 2014 pela Ética Editora, é fruto de pesquisa documental e de campo do historiador João Paulo Maciel e se filia ao gênero bibliográfico da historiografia. Não sendo configurado como literatura, mantém, portanto, compromisso com a veracidade do que é relatado.

Entre a reprodução de depoimentos, mapas e documentos oficiais, a narrativa da passagem de Che Guevara por Imperatriz é mencionada entre as páginas 69 e 72. Para facilitar a compreensão do narrado, bem como orientar nossa análise, transcrevemos o trecho em blocos. O primeiro traz o contexto da visita:

O fato é que a cidade de Imperatriz, como polo regional, foi incluída no mapa das guerrilhas, sendo ela o principal portal de entrada para o Bico do Papagaio, local onde abrigou o maior efetivo de militantes adeptos à organização guerrilheira e ocorreram os combates liderados pelo PCdoB. Mas, além desse grupo mais expressivo, outros grupos rebeldes passaram por essa cidade objetivando também a instauração da luta armada (Maciel, 2014, p. 69).

Sabendo que só enxergamos o enunciador pelas escolhas discursivas que ele faz, observa-se que o enunciador se mantém distante perante o que conta, operando “o apagamento, no enunciado, de todas as marcas do sujeito da enunciação” utilizando-se da camuflagem objetivante (Barros *et al.*, 2025, p. 15). Com uso da impessoalidade no “não eu”, refere-se ao espaço tópico da cidade de Imperatriz como “alhures” (outro lugar), portanto situada fora da enunciação. Em um tempo passado pela debreagem espacial enunciava no demonstrativo “essa cidade” operando em função anafórica, refere-se a um fato, real e verdadeiro, demarcado no lugar. “Esse assinala o que acabou de ser dito, porque isso está ainda na situação de enunciação, mas, já tendo sido recebido pelo enunciatário, pertence já ao seu espaço” (Fiorin, 2016, p. 239).

Ainda sobre o “não eu”, Greimas (2014, p. 123), citado por Barros *et al.* (2025), considera que discursos elaborados com o recurso do apagamento do sujeito buscam a aceitação/adesão do enunciatário, conferindo um efeito de imparcialidade. Embora busquem esse efeito, os semióticos ressaltam que há um “eu” implícito, como no exemplo do próprio Greimas (2014, p. 123): “Isso não impede que todo esse suporte enunciativo, que insere o enunciado no contexto de uma comunicação corriqueira, seja oculto para, a rigor, deixar transparecer apenas o impessoal”.

Do excerto anterior também destacamos de Maciel (2014, p. 70): “Confirmado, portanto, que a região foi palco de grandes operações militares antiguerilha”, mobiliza no “ele” os personagens que teriam protagonizado um episódio importante do evento histórico narrado no segundo trecho aqui transcrito:

[...] visando a limpeza de quaisquer resquícios da área que pudesse levar a suspeitas de atos comunistas. Da lista de nomes indicados para busca e captura na Operação Mesopotâmia, dois nomes, ainda ativos na política partidária, são relatados pelo jornalista Décio Sá, como ativistas assíduos no preparo e colaboração com os militantes do PCdoB. Foram eles: Carlos Lima e Remi Ribeiro. O depoimento é do próprio Remi, ainda na condição de senador pelo Maranhão, ao jornalista, informando que ele e o colega Carlos Lima eram responsáveis

para receber e abrigar os militantes que chegavam vindo de outros Estados na cidade, em residências de companheiros militantes. O senador ex-comunista relata ainda que Carlos Lima recebia as armas e as escondia em buracos forrados com zinco, ao longo do Riacho Cacau, um dos afluentes do Tocantins (Maciel, 2014, p. 70).

Ao mencionar o jornalista responsável pela coleta dos depoimentos que vai mobilizar, o enunciador busca a ancoragem do que é enunciado como fonte fidedigna e avalista da informação. No entanto, quando afirma que o depoimento “é do próprio Remi, ainda na condição de senador”, reforça a confiabilidade do relato pelo prestígio que a função política exerce no seio social, e justifica a relevância do papel desempenhado pela cidade como entroncamento logístico no contexto da Guerrilha. Contudo, todo o enredo construído até aqui serve de “abre- alas” para um ponto especial na seção intitulada “Operações militares na Guerrilha”: a visita de Che. O adendo, instaurado mediante uma digressão, é narrado em detalhes:

Outro elemento que sobrevive como aragem na memória da cidade, especialmente nos interessados em sua história, é a pressuposição de que o líder revolucionário Ernesto Che Guevara teria tido passagem por Imperatriz, por ocasião de organização da Guerrilha do Araguaia, no final da década de 1960, tendo ficado hospedado num hotel às margens do Rio Tocantins. Esses rumores circulam fluentemente até hoje, mas ainda sem uma comprovação histórica sobre essa presença em terras tocantinhas. Mas é certo que Guevara esteve em terras brasileiras, com identidade falsa, nesse mesmo período, com missão de interagir com as organizações de luta armada no País, com estadia em Corumbá (MS), em 1966, o que indica grande possibilidade do revolucionário ter realmente vindo à região para tratar de assuntos estratégicos com os representantes dos focos instalados na região (Maciel, 2014, p. 70-71).

Para apresentar tal fato, o enunciador antecipa que a narrativa “sobrevive como aragem na memória da cidade”. Ao figurativizar essa memória no presente durativo como aragem/leve brisa, confere efeito eufórico, mesmo sem inscrever-se como sujeito actante da enunciação. Na tentativa de manter distanciamento do que é enunciado, revela seu posicionamento discursivo favorável ao que narra com verbos ora no futuro do pretérito, ora no pretérito, na tentativa de manter efeito de imparcialidade/não envolvimento ao passo em que, com verbos no presente, traz a noção de continuidade/presentificação dessa memória que considera “fluente”, ainda que sem comprovação histórica.

A conjunção adversativa “mas” no período seguinte dá indícios da sua posição em defesa da veracidade do narrado, uma vez que afirma a passagem de Guevara pelo Brasil em tempo e espaço demarcados (Corumbá-MS, 1966), como dado que reforça a possibilidade de sua estadia nesse espaço circunscrito “às margens do Rio Tocantins”. É o sujeito que não se inscreve diretamente no discurso, mas que demarca seu ponto de vista, indicando uma certa direção de leitura ao enunciatário. Dando voz às testemunhas, segue:

Sobre esse assunto o senador conta que naquela ocasião ele e Carlos Lima foram ao encontro de um militante estrangeiro que acabava de chegar à cidade. Depois souberam que poderia ser Che Guevara. Certamente que com todas as evidências indicando a cidade de Imperatriz e seu entorno como ponto estratégicamente ideal e por isso escolhido pelos grupos de esquerda para a preparação guerrilheira, fazendo desse ambiente uma espécie de encruzilhada, de encontro dos focos guerrilheiros, uma visita do líder da revolução cubana seria, portanto, oportuna em articulação com o movimento revolucionário internacional (Maciel, 2014, p. 71).

Ainda pela debreagem actancial enunciativa, o enunciador segue o relato sem mencionar minúcias do suposto encontro para manter o efeito de impessoalidade e objetividade. Como dito por Fiorin (2016, p. 57, grifo do autor), “mesmo que não haja um *eu* explicitamente instalado por uma debreagem actancial enunciativa, há uma instância do enunciado que é responsável pelo conjunto de avaliações e, portanto, um *eu*”. Dessa forma, ao considerar “oportuna” a visita do líder da revolução cubana à cidade de Imperatriz, deixa marcas desse sujeito que defende o sentido de realidade, o que se esforça para ratificar no trecho seguinte.

As notícias registradas, documentadas sobre a presença desses sujeitos históricos pela cidade de Imperatriz, são relativamente frágeis, em relação a significância político-social que alcançou o acontecimento da Guerrilha do Araguaia e os outros projetos de organizações clandestinas e subversivas para o País. Considerando também que essas reações ao regime ditatorial com base inicial nessa parte do país, não se resumiam em casos isolados, sem contextura, ao contrário, mesmo sendo iniciativas com certas particularidades, mas todas elas tinham na essência de sua formação, motivações de um contexto histórico assolado por ações contrárias ao poder instalado, a exemplo de tantos conflitos já registrados na história do povo brasileiro. Por esse ângulo, pode-se dizer que as publicações voltadas para a história regional e história de Imperatriz têm

dado pouca importância para esses fatos. Contudo, com o advento da internet, as informações sobre o tema começaram a circular de maneira mais acessível e democrática, possibilitando a exposição das memórias de quem vivenciou esse período com intensidade, compartilhando isso através especialmente das, assim chamadas, redes sociais, consequentemente aguçando a curiosidade de quem se interessa pelo estudo da história, pela via dos fatos regionais (Maciel, 2014, p. 71-72).

Criticando-se a pouca importância dada à história local nas publicações já veiculadas, e diante da impossibilidade de comprovar historicamente a visita de Che à cidade, o enunciador recorre à memória coletiva para refutar a possível fragilidade do fato ao enfatizar a presença dos relatos cada vez “mais acessível e democrática”, em especial com o advento da *internet* conferindo-lhe o *status* de fonte “regional”. Pelos argumentos apresentados, não assume a veracidade, mas a defende.

Avançando em nossas reflexões, tomamos agora *Repressão e resistência em Imperatriz* (2016), de Franklin e Lima, também publicado pela Ética Editora. Em crônica jornalística, o texto traz um panorama da vivência política da cidade desde o início dos anos 1960, quando a maioria da população votou e escolheu um candidato da oposição para a Prefeitura. A obra, que também reúne documentos e fotografias, narra o antes, o durante e o depois da repressão militar na cidade durante os Anos de Chumbo. O capítulo intitulado “Os guerrilheiros do Araguaia” dedica as páginas 232 e 233 ao relato da passagem de Che por Imperatriz:

Nos primeiros dias de outubro de 1966, cinco jovens militantes da esquerda de Imperatriz são convidados para tomarem parte de uma reunião reservada que aconteceria no piso superior da Pensão da Dolores, na rua 15 de Novembro, subesquina da rua Rio Branco. Dela tomaria parte um experiente militante da revolução cubana que falaria com os militantes do PCdoB que iniciavam a organização da futura guerrilha do Araguaia.

O nome do personagem central do encontro não foi divulgado. Era um homem alto, cabelos lisos, sem barba, que falava português com dificuldade e tinha forte sotaque castelhano. Chegara naquele dia à cidade, de ônibus, proveniente de Belém, alegando fortes dores nas costas, que teria sido causada por uma queda de cavalo, conforme afirmara. Carlos Lima e Remi Ribeiro teriam ido buscá-lo no ponto de ônibus e conduzido-o até a pensão. Os dois tomariam parte na reunião. Um outro seria Benedito Batista, mas não chegara a tempo de uma viagem a Amarante (Franklin; Lima, 2016, p. 232-233).

Distanciando-se do fato, aqui, o enunciador também busca o efeito de imparcialidade ao mobilizar a debreagem actancial enunciva, isto é, o “ele”, quando menciona cinco jovens militantes. Além da riqueza de detalhes na descrição com data e endereço, o tempo situado no presente na debreagem temporal enunciativa do “agora” confere efeito de aproximação do enunciatário diante do narrado.

Sobre o tempo sistematizado, Fiorin explica que o presente omnitemporal ou gnômico é mobilizado, pois é “[...] utilizado para enunciar verdades eternas ou que se pretendem como tais” (Fiorin, 2016, p. 134). No entanto, o futuro do pretérito mobilizado logo em seguida em “aconteceria/tomaria/falaria” lança mão do tom ficcional/incerteza do enredo, daquele que sabe, mas não viu, portanto não pode comprovar.

Aqui também observamos o uso da camuflagem objetivante na tentativa de manter a impessoalidade e posição de isenção que os gêneros jornalísticos requerem (Barros *et al.*, 2025, p. 19). Pelo emprego da terceira pessoa, segue com a descrição física e do sotaque do personagem até então misterioso. Ao mencionar diretamente os nomes dos anfitriões – Carlos e Remi –, traz a noção de proximidade com tais personagens, como conhecidos dos sujeitos da enunciação, portanto, algo familiar. A descrição detalhada segue:

Da reunião tomaram parte cerca de dez pessoas, mas apenas os comunistas e o estrangeiro falaram e, nalguns momentos, num sotaque tão carregado que se tornava impossível aos imperatrenses compreendê-lo. Era possível entender, entretanto, que tratavam da viabilidade de êxito da guerrilha em preparação. O suposto cubano afirmava que o território era demasiado grande, havia poucos guerrilheiros e o envolvimento da população era pequeno, o que se traduziria em derrota. Os guerrilheiros discordavam e diziam que não havia como paralisar o movimento.

Depois de algumas horas de discussão, sem chegarem a um acordo, a reunião foi encerrada. Os militantes do PCdoB o levaram de barco até Xambioá, para conhecer o ambiente das operações militares. Retornaram dias depois e ele teria permanecido ainda dois dias na cidade (Franklin; Lima, 2016, p. 232-233).

A precisão nos detalhes continua sendo mobilizada no quantitativo de integrantes do encontro e nos adjetivos utilizados para identificar tais atores “comunistas/estrangeiro/ imperatrenses”, classificando-os segundo sua origem. A guerrilha, tema do relato, é evidenciada pelas figuras de “guerrilheiros/movimento/Xambioá/operações”. Mesmo lançando mão de minúcias, o

enunciador tenta esconder seu envolvimento e se manter distante, construindo uma aparência de neutralidade e não envolvimento, mas o emprego do discurso indireto reproduzindo a fala dos personagens traz a noção de afinidade com o fato mediante as escolhas lexicais que mobiliza, denunciando sua posição de defesa quanto à veracidade do narrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revelar como discursos e estratégias enunciativas produzem efeitos de verdade, este estudo reforçou a importância da memória coletiva como espaço de preservação e ressignificação do passado, bem como de posicionamento político diante das narrativas que envolvem a Guerrilha do Araguaia.

Com um “discurso designativo que aponta fatos” (Barros *et al.*, 2025, p. 23), assim como em Maciel (2014), Franklin e Lima (2016) buscam, no discurso veridictório objetivante, construir enunciação com discurso imparcial e produzir efeito de neutralidade de uma “constatação por parte de quem lê, de evidências concretas, que não deixam espaço para interpretações ou avaliações de caráter subjetivo” (Barros *et al.*, 2025, p. 23). Nesse tocante, para Fiorin (2016, p. 58, grifo do autor), “todas as apreciações moralizantes do texto são de responsabilidade de uma instância inscrita no discurso, mas que não diz *eu*”. Quando buscam confirmar tanto por argumentos e relatos, bem como por provas documentais que Che esteve em Imperatriz, esse sujeito que enuncia inscreve-se no discurso como defensor da verdade do fato, assumindo seu ponto de vista num fazer interpretativo que se baseia em um regime de crença.

Na narrativa colhida pela entrevista de um dos colaboradores da guerrilha, o qual se assume como narrador-personagem/testemunha do fato histórico, o discurso se dá por outras estratégias discursivas, em que o enunciador convoca seus enunciatários a um contrato fiduciário, sem provas para mostrar, mas apresentando-se como um *eu* que viu e viveu aquele momento que ficara marcado na memória. Assim, os fatos são atestados pelo afeto que as memórias vão trazendo à tona e reforçados por enunciados que se firmam pelo regime da sedução.

Desse modo, comprehende-se que a figura de Che permanece viva não apenas como personagem histórico, mas como símbolo cultural e de resistência política, fortalecendo o imaginário popular em torno da guerrilha.

What remained in the collective memory of the Araguaia Guerrilla: a semiotic look at the urban legend of Che Guevara's passage through Imperatriz/MA | Che lives in the collective memory

Abstract

This article analyzes the role of collective memory (Halbwachs, 2006) in the preservation and resignification of the Araguaia Guerrilla, focusing on the urban legend that associates the figure of Che Guevara with the city of Imperatriz. From a semiotic perspective, we investigate how this popular narrative is consolidated around a historical episode marked by resistance and by the violence of the Brazilian military regime in the Tocantina Region. Therefore, our aim is to discuss the discursive strategies mobilized to produce an effect of truth in the enunciation about Che Guevara's alleged passage through Imperatriz, intertwining history and fiction.

Keywords

Collective memory. Che Guevara. Enunciation.

REFERÊNCIAS

- 45 ANOS da Gloriosa Guerrilha do Araguaia. *A Nova Democracia*, 18 abr. 2017. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/materias-impressas/45-anos-da-gloriosa-guerrilha-do-araguaia/>. Acesso em 22 fev. 2024.
- BARROS, D. L. P. de; DEMURU, P.; GOMES, R. S.; MANCINI, R. *A construção da verdade*. São Paulo: Contexto, 2025.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FRANKLIN, A.; LIMA, V. *Repressão e resistência em Imperatriz*. Imperatriz: Ética Editora, 2016.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MACIEL, J. P. *Guerrilha no Araguaia-Tocantins*. Imperatriz: Ética Editora, 2014.

SILVA, L. H. O. da. Um herói da Guerrilha pelas lentes de JJ Leandro. *Revista Escritas do Tempo*, v. 4, n. 11, p. 45-62, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1882>. Acesso em: 22 fev. 2024.